MACHADO DE ASSIS

POESIAS DISPERSAS II

Freeditorial

ÍNDICE

CONSUMMATUM EST!

SAUDADES

LÁGRIMAS

NÃO?

RESIGNAÇÃO

AMANHÃ

A***

DEUS EM TI

ESTA NOITE

VEM!

ESPERANÇA

A MISSÃO DO POETA

O PROGRESSO

À ITÁLIA

A UM POETA

A PARTIDA

A REDENÇÃO

S. HELENA

NUNCA MAIS

A CH. F. FILHO DE UM PROSCRITO

OFÉLIA

A ESTRELA DA TARDE

A UM PROSCRITO

SONHOS

UM NOME

TRAVESSA

À D. GABRIELA DA CUNHA

MEUS VERSOS

À MME. DE LA GRANGE

SOUVENIRS D'EXIL

A S. M. I.

AO CARNAVAL DE 1860

NO ÁLBUM DA ARTISTA LUDONIVA MOUTINHO

GABRIELA DA CUNHA

ESTÂNCIAS NUPCIAIS

EM HOMENAGEM À D. ISABEL E AO CONDE D'EU

NO CASAMENTO DA PRINCESA ISABEL

CALA-TE, AMOR DE MÃE

TRISTEZA

O PRIMEIRO BEIJO

A F. X. NOVAIS

ONTEM, HOJE, AMANHÃ

26 DE OUTUBRO

AS NÁUFRAGAS

AO DR. XAVIER DA SILVEIRA

13 DE MAIO

SONETO

RICARDO

VELHO TEMA

POR ORA SOU PEQUENINA

CÉSAR! FULGE MAIS LUZ

NÃO HÁ PENSAMENTO RARO

VIVA O DIA 11 DE JUNHO

VOULEZ-VOUS DU FRANÇAIS?

CONSUMMATUM EST! [56]

Povos, curvai-vos
A redenção do mundo consumou-se.

JOÃO DE LEMOS

I

Na treva sombria de sacra tristeza,
Gemendo se envolvem a terra e os céus,
E a alma do crente num cântico acesa,
Revolve na idéia, suplício de um Deus.

Recorda a cidade que outrora folgando
Sorria descrente de um Deus à paixão,
E hoje proscrita lá dorme escutando
Do Eterno a palavra que diz: “Maldição!”

De Cristo os martírios, a dor tão intensa
De santa humildade, são provas fiéis,
E as gotas de sangue, as bases da crença,
Da crença que fala nos povos, nos reis!

Entremos no Templo, e um cântico d’alma
Em ondas de incenso mandemos aos céus,
E ao mestre divino, de mártir com a palma,
Curvados oremos num cântico a Deus!

II

Senhor! entre apupadas dos algozes
Foste levado ao cimo do Calvário
    Para a morte sofrer!
De Deus ouviste as tão sagradas vozes,
Cheio de sangue envolto em um sudário
    Tu quiseste morrer!

Quiseste, porque assim se revogava
Da pena eterna a tão fatal sentença
Que o pecado traçou!
E o sangue que teu corpo derramava
Era alto preço e animava a crença,
Que o pecado abismou!

E caminhaste ao Gólgota, levando
A cruz onde por nós foste cravado:
Cruenta imolação!
O sangue teu em jorros borbotando,
E teu corpo de açoites tão chagado,
Sem dó, sem compaixão!

Oh! Cristo! e tu sofreste tais injúrias!
Foste arrastado ao cimo do Calvário,
Morto a plebe te quis!
Não quiseste embargar o ardor das fúrias;
Tu, cuja voz a Lúcifer tartáreo
Curva a negra cerviz!

“Perdoai-lhes, Senhor!” disseste, quando
Quase a expirar os olhos levantaste
Ao céu anuviado,
E já da morte gélido arquejando,
Com fraca e triste voz pronunciaste:
"Tudo está consumado!"

E o mundo remiu-se! De Deus à morada,
Gozando outra vida, se eleva Jesus!...
Cristãos! penetremos a casa sagrada,
E a Cristo adoremos em torno da cruz!

SAUDADES [57]

Chora meu coração, minh’alma geme
De saudades de ti, minha querida;
Já não posso no mundo ter prazer,
Já meu coração não tem mais vida.

Tenho de ti saudade, só lastimo
Ter cedo minha mãe perdido a vida;
Choro tanto por ela... por ti sofro
Minha vida, mulher, é tão sentida!

Tenho de ti saudades, da tua imagem;
Qual o exilado só, em terra estranha,
Eu cedo morrerei, pressinto n’alma;
Não se pode viver com dor tamanha.

Parece que no céu bem negra nuvem
já marcou meu destino pelo mundo!
Tenho de ti saudades, ó meu anjo.
No meu peito o pesar é tão profundo!

Se perdi minha mãe sendo tão moço,
Se padeço de ti tanta saudade,
Não posso existir no mundo triste;
Ë melhor eu morrer nesta idade!

LÁGRIMAS [58]

À memória de minha mãe

Há uma dor que não se apaga d'alma,
Lágrima triste que pendente existe
Da face do infeliz:
É gemido que mata e não se acalma,
Que torce o coração, e se persiste,
A existência maldiz.

Essa dor eu senti quando vi morta
Minha terna mãe... perdão, meu Deus.
Se quero já morrer;
Esta vida de dor perder que importa?
Quero com minha mãe morar nos céus,
Com os anjos viver.

Eu perdi minha mãe... era uma santa,
Que tinha a minha vida neste mundo,
Minh'alma e meu amor!
E foi o meu pesar, minha ânsia tanta,
Que a vida quis deixar num ai profundo,
Morrer também de dor.

Só lágrimas de sangue eu sinto agora
Afogaram-me os olhos, e o martírio
Emurcheceu-me a vida;
Eu tenho pouca idade, mas embora,
Sente apagar-se da existência o círio
Minh'alma amortecida.

Maldigo minha vida, por seu filho
A minha pobre mãe chama nos céus
Quando eu rezo por ela;
Choro vendo que só no mundo trilho;
Quero com minha mãe viver, meu Deus,
No céu, bem junto dela!

NÃO? [59]

Vi-te: em teu rosto voluptuoso e belo
O anjo formoso dos amores vi!
Amor ardente num olhar, num elo
Destes teus olhos divinais senti!

Vi-te: e prendeu o teu esbelto talhe
O mimo, a graça do teu corpo em flor.
E esses teus lábios como a flor de um baile
Que às auras murcham de festivo amor.

Vi-te: e eras minha ao meu olhar magnético
E te prendias a fugir de mim!
Fronte de lírios de um candor angélico
Em um perfume me darás um - *sim*!

Um *sim* de envolta àquele olhar ardente
Luz de teus olhos, divinal fulgor.
Um *sim* de envolta àquele rir demente
Reflexo d’alma a delirar de amor!

Um *sim*! E ao som do teu falar suave
À minha voz extinguirei o som
Onde gorjeia uma garganta de ave;
Que vale ao homem da palavra o dom?

Íntima frase que só nasce d’alma
Terei nos olhos p’ra dizer-t'o então
E em troca dela p’ra colher a palma
Do teu amor, anjo terrestre... não?

RESIGNAÇÃO [60]

Adeus! é o meu suspiro derradeiro!
É a última ilusão que me embebia!
Apagou-se-me o sol das esperanças
E veio a noite sepulcral sombria...

Adeus..., perdoa a um doido apaixonado
Uma hora de ilusão e de delírio:
Era fatalidade. Após um sonho
Veio a c'roa da dor e do martírio!

Se ao hálito fatal da desventura
Emurcheceu a flor dos meus afetos,
Se não pousaste em minha fronte ardente
Amorosa uma vez teus olhos pretos;

Não te crimino, não; teu culto é livre.
Viver nas ilusões é minha sina:
Não fui fadado p'ra banhar meus lábios
Nos raios dessa fronte peregrina!

AMANHÃ [61]

Amanhã quando a lâmpada da vida
Na minha fronte se apagar, tremendo,
Ao sopro do tufão,
Oh! derrama uma lágrima sincera
Sobre o meu peito macilento e triste,
E reza uma oração!

Será uma saudade verdadeira,
Uma flor que me arome a sepultura,
Um raio sobre o gelo...
Ouvirei a canção das tuas dores,
E levarei saudades bem sombrias
Deste meu pesadelo.

Lembrarei além-túmulo essas noites
Misteriosas festivais e belas
Da estação dos amores!
Noites formosas, para amor criadas;
Que coroavam nosso amor tão puro
De ventura e de flores!

Lembrarei nosso amor... E o teu pranto
Ardente como a luz de um sol do estio
Irá banhar-me a campa
E as lágrimas leais que derramares,
O astro beijará - que pelas noites
No oceano se estampa!

Um olhar, um olhar desses teus olhos!
Eu o peço, mulher! sobre o meu túmulo
Um olhar de afeição!
Assim o sol - o ardente rei do espaço
Deixa um raio cair nas folhas secas
Que matizam o chão!

Um olhar, uma lágrima, uma prece,
É quanto basta em única lembrança.
Teresa, ao teu cantor.
Chora, reza, e contempla-me o sepulcro
E na outra vida de um viver mais puro
Terás o mesmo amor,

A*** [62]

Viens, je suis dans la nuit,
mais je puis voir le jour!

VICTOR HUGO

Oh! se eu pudesse respirar num beijo
O teu hálito ardente e vaporoso.
E na febre do amor e do delírio
Sobre o teu seio estremecer de gozo!
Oh! se eu pudesse nessa fronte bela
A coroa depor dos meus amores,
E embevecer-me como em sonho aéreo
De teus olhos nos mágicos fulgores.
Ai! respirara então ainda uma vida.
    Oh pálida visão!
Nessa flor que os sentidos embriaga
    E aroma o coração!

Vem; dá-me o teu amor; careço dele
    como do sol a flor,
Reanima a cinza de meu peito morto,
    Ai! dá-me o teu amor!

DEUS EM TI [63]

É quando eu sinto embriagar-me o peito
Um místico vapor,
E à luz fecunda desses olhos belos
Da minha alma ter vida e alento - a flor;

É quando as tranças dessa fronte loura
Prendem o meu olhar,
E sinto o coração tremer ardente.
Como uma flor aos zéfiros do mar;

É ao ouvir-te as místicas idéias
Tão cheias de paixão,
Nessa eloqüência lânguida e profunda
Que fala ao coração;

É ao sentir as tuas asas brancas,
Ó meu anjo de amor,
Que eu reconheço a mão do rei da terra
E creio no Senhor! -

ESTA NOITE [64]

Os teus beijos ardentes,
Teus afagos mais veementes,
Guarda, guarda-os, anjo meu;
Esta noite entre mil flores,
Um sonho todo de amores
Nos dará de amor um céu!

VEM! [65]

Oh! laisse-moi t'aimer pour que
j'aime la vie,
Pour ne point au bonheur dire un
dernier adieu!

ALEXANDRE DUMAS

Como ao luar da noite as flores dormem,
Vem dormir sob a luz dos olhos meus!
Hão de as brisas beijar-te as tranças belas
E desmaiar de amor nos seios teus!

Como um círio fantástico de amores
Tanta luz sobre a praia a lua entorna!
Oh! deixa aos raios do luar saudoso
Ornar de flores essa fronte morna!

Deixa que como um doido, um insensato
Eu me embeba em teus olhos transparentes,
E embalado num sonho fervoroso.
Ouça-te ao peito as pulsações ardentes!

É tão doce! tão belo estar contigo!
Pobre andorinha errante dos amores,
Achaste um coração! na primavera
Não desmaiam as aves, nem as flores.

Se a capela de noiva desfolhaste
Nas noites tuas, nos delírios teus,
Qu’importa? ainda nas asas dos amores
Podes voar ao céu, anjo de Deus!

Inda o teu coração ardente e puro
Como a fênix das cinzas pode erguer-se
E ungir-se com os bálsamos celestes,
E no Jordão do amor inda embeber-se!

Inda os mágicos sonhos de ventura
Podem embalsamar-te as primaveras
E num culto platônico e fervente
Querer-te um coração e amar deveras!

Ergue-te pois! vem perfumar tua alma
Com as rosas festivas dos amores,
E dourar minhas crenças fugitivas
Com a luz de teus olhos sedutores.

Vem! é tão doce amar nas noites belas!
Vem remir-te no amor, anjo do Deus!
Hão de os meus beijos aquecer-te a fronte,
E as brisas desmaiar nos seios teus!

ESPERANÇA [66]

No álbum do Sr. F. G. Braga

Pobre romeiro da poente estrada,
Cantei passando pelo val da vida
Ao sopro do aquilão
Ouvi-te um canto. Minha voz cansada
Vem modular-te a saudação sentida,
Como de irmão a irmão!

Aos sons acordes da tua harpa ardente
Venho juntar uma canção saudosa
Deste alaúde em flor...
A poesia é um dom onipotente;
Não desmintamos a missão gloriosa,
Profetas do Senhor!

Beijarei essa túnica sagrada
Que sobre os ombros o Senhor te dera
Como um manto real;
Irei contigo do porvir na estrada,
Onde rebenta em flor a primavera
Das pontas do espinhal.

Irmão de crença! eu irei contigo
Sonhar nas tendas que ao passar entrarão
Extintas gerações;
Rezarei junto a ti no altar antigo,
Onde muitos outr'ora ajoelharão
Em salmos e orações.

Quando o porvir em fúlgido horizonte
Estende-se arraiado de venturas
E convida a esperar,
Deve-se erguer de entusiasmo a fronte,
Venha embora o luar das sepulturas
A esperança gelar!

O sonho em que o espírito se embala
Vem do céu como angélico segredo
À fronte do cantor;
Mas precoce o coração estala
É que Deus julgou bem erguê-lo cedo
Para um mundo melhor!

Sonhemos pois! Meu tímido alaúde
Da tua harpa unirei à nota ardente
Em uma só canção
Este afeto fraterno é uma virtude,
Deixo-te aqui a saudação de um crente
Como de irmão a irmão.

A MISSÃO DO POETA [67]

No álbum do Sr. João Dantas de Sousa

Musa
Vês, meu poeta, em torno estas colinas,
Como tronos gentis da primavera?
Abrem-se ali as pálidas boninas,
E em volta dos cipós se enrosca a hera!
É o sol-posto. - A folha, o mar, e o vento,
Tudo murmura de saudade um hino.
Vem sonhar neste morno isolamento.
E dormir no meu seio peregrino!

Poeta
Vemos, sim! - Esta noite o luar saudoso
Há de tremer nestas folhagens belas.
Tão só vegeto! - O alaúde ansioso
Vem enfeitar de angélicas capelas!
Pousa-me a fronte em tuas mãos celestes...
Mas é uma ilusão... cruel mentira!
Hei de ao soar do vento nos ciprestes
Erguer num canto as vibrações da lira...

Musa
Sofrer, qu'importa? - Vem! Morrem as dores
Da solidão nos recônditos mistérios!
Nascem à bordo do sepulcro as flores,
E beija o sol o pó dos cemitérios.

Poeta
Eu sofro tanto! - Perenais espinhos
Orlam-me a estrada.... A sepultura é perto!
E nem o doce aroma dos carinhos...
Meu Deus! Nem uma flor neste deserto!
E quantos desta doida caravana
Estorceu no areal uma agonia,
Esperando debalde em noite insana
Verem realizar-se uma utopia!

E como crer então? Tenho aqui morta
Uma ilusão de minha primavera...
O sonho é como um feto que se aborta,
Um porvir que se ergueu numa quimera!

A realidade é fria. Erga-se embora
A flor do coração a um céu dourado,
Vem a turba maldita em negra hora,
E as flores mata de um porvir sonhado!

Musa

Por que descrer assim? - É dura a estrada,
Mas há no termo muito amor celeste,
A glória, poeta, é uma flor dourada,
Que só nasce da rama do cipreste.

Poeta

De um cipreste!... É bem triste esse conforto!
Quem sabe? uma esperança mal cabida.
Essa luz que se vaza sobre o morto
Paga-lhe a dor que o sufocara em vida?

Musa

Mas é tua missão,... Do pesadelo
Hás de acordar radiante de alegria!
Deus pôs na lira do infortúnio o selo,
Mas há de dar-lhe muita glória, um dia!

É forçoso sofrer... Deus no futuro
Guarda-te a c'roa de uma glória santa,
Vem sonhar, este céu é calmo e puro!
Vem, é tua missão!... Ergue-te e canta!

O PROGRESSO [68]

Hino da mocidade

Ao St E. Pelletan.

Eppur si muove

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os piamos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada, à borda,
E através do horizonte há uma aurora a rir.

E sempre a mesma aurora a rir de era em era.
E sempre a estrada augusta a rebentar em flor!
Salve, fértil, gentil, rosada primavera!
Eterno resvelar do melhor ao melhor!

A mocidade ergueu-se. Um século dourado
Veio ao berço gentil inocular-lhe a fé;
E na orla a luzir do horizonte azulado
Mostrar-lhe como um sol a verdade de pé!

A verdade! está aí fecunda, onipotente,
Nossa estrela polar, e bandeira, e troféu!
Sim! o mundo caminha a um pólo atraente,
Di-lo a planta do vai, di-lo a estrela do céu!

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os plainos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada à borda.
E através do horizonte há uma aurora a rir!

Que tal? que nos importa essa idéia sem fundo
Que estaciona e prende a humanidade ao pó?
Fala mais alto, irmãos, este avançar do mundo
E toda a natureza em um canto, num só!

Fala mais alto, irmãos, a ardente humanidade!
Marchando a realizar uma missão moral;
pregando uma lei, uma eterna verdade,
Do progresso subir a mágica espiral.

Sim! romeira gentil aos séculos se enlaça!
Na escala do progresso ela não se detém!
Uma herança moral corre de raça a raça,
Se ela desmaia aqui, vai triunfar além!

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os plainos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada à borda.
E através do horizonte há uma aurora a rir!

Eia! num canto ardente erga-se ousada fronte!
Doure esta caravana um límpido arrebol!
Creiam, embora a luz a nascer do horizonte
Crepúsculo sombrio e desmaiar do sol!

Creiam-no. Um astro se ergue em céu dourado e puro
E nos mostra com a luz terra de promissão!
Cerramos sem temor, obreiros do futuro!
A verdade palpita em nosso coração!

Soa em nossa alma ardente um grito entusiasta
E às barreiras do tempo uma voz diz: - Passai!
Morte ao lábio sem fé que nos murmura: - Basta!
Gloria a vós festival que nos exclama: - Vai!

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os plainos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada à borda,
E através do horizonte há uma aurora a rir!

À ITÁLIA [69]

Despe esses ferros de dormente escrava,
Que o sol dos livres no horizonte vem!
Velha cratera - o referver da lava
Atento e curvo todo um século tem.

Acorda! o sono da opressão devora!
Pátria de Roma - o Capitólio vê!
Pálida Itália - ressuscita agora
O ardor nos peitos - na esperança a fé.

A velha Europa ao teu arfar cansado
Vem debruçar-se em derredor aí;
E ao som valente do primeiro brado
Braços e espadas acharás por ti.

Apenas bata essa esperada hora
O anjo dos livres se erguerá de pé.
Pálida Itália - ressuscita agora
O ardor nos peitos - na esperança a fé.

O século é belo. A liberdade canta -
Virentes rosas sobre os seios nus!
Feto sublime de uma idéia santa
Vem no horizonte por um mar de luz!

Morte ao opresso que a tremer descora
E à luz nascente deste sol - não crê!
Pálida Itália - ressuscita agora
O ardor nos peitos - na esperança a fé.

Ontem a Grécia, como um sol caído,
Toda nas águas afogará a luz;
Das meias-luas o pendão temido
No ilustre solo lhe esmagará a cruz.

Um brado ergueu-a. Como estava outrora,
Da Europa à face levantou-se em pé.
Pálida Itália - ressuscita agora
O ardor nos peitos - na esperança a fé.

Página bela da grandeza antiga,
Tens inda o selo de um real poder;

Os rijos copos dessa espada amiga
A mão do tempo não quebrou sequer.

A rubra púrpura de reinar de outrora
Hoje uma toga popular não é?
Pálida Itália - ressuscita agora
O ardor nos peitos - na esperança a fé.

A idéia é fogo que ateado lavra.
E tudo abrasa nessa ardente ação.
Rompe, desprende essa fatal palavra;
Outras cativas erguerás do chão.

Olha a Polônia escravizada chora:
E o sol dos livres inda espera e vê.
Pálida Itália - ressuscita agora -
O ardor nos peitos - na esperança a fé.

Ao braço impuro de opressor ingrato,
Bela cativa, não te curves, não!
Da liberdade o sentimento inato
E um incentivo na tremenda ação.

Não, não consintas, tu liberta outrora
Sobre teu colo levantar-se um pé.
Pálida Itália - ressuscita agora
O ardor nos peitos - na esperança a fé.

Levanta as tendas. Uma onda brava
Quebrar-te os ferros pelo mar i vem!
Velha cratera - o referver da lava
Atento e curvo todo um século tem!

Acorda! O sono da opressão devora!
Pátria de Roma - o Capitólio vê!
Pálida Itália - ressuscita agora
O ardor nos peitos - na esperança a fé.

A UM POETA [70]

O Sr. P. de Sales Guimarães e Cunha

Non é perduta
Ogni speranza ancor

METASTÁSIO

Poeta, beija a poeira
Destes ásperos caminhos
E cinge alegre os espinhos,
Heranças que o gênio tem.
O alaúde é dom funesto.
Quando uma fronte é fadada
Pela pálpebra inspirada
Debruçar-se ao pranto vem!

E o pobre gênio passando
Por noite tempestuosa
De uma espiral escabrosa
Sobe os ásperos degraus;
E o anjo dos pesadelos,
As negras asas abrindo.
Vai embalá-lo sorrindo
Num berço de sonhos maus.

E todo um mundo criado
Nas ondas da fantasia
Um sopro de ventania
Desfaz por noite fatal!...
Os olhos sangram na sombra
Um pranto desesperado,
E o gênio morre abraçado
Na cruz do seu ideal.

Irmão! é sangrenta a sina,
Mas os louros valem tanto...
Cada uma gota de pranto

E uma póstuma flor.
As brisas da primavera
Vêm depois do inverno frio,
E é sempre por céu sombrio
Que nasce aurora melhor.

Fatalidade! - Qu'importa?
Deus nos deu esse fadário...
Mas no cimo do Calvário
Há muita palma a florir,
Toma o madeiro do Cristo,
Beija os espinhos da fronte,
E verás pelo horizonte
Erguer-se o sol do porvir.

A PARTIDA [71]

Entretanto o céu se levanta sereno
E pomposo corno para um dia de
festa.

LACRETELLE

Vês? No horizonte se debruça a aurora
Como um infante a rir;
As flores vão abrir-se: o luar se apaga;
Começa a vida; douram-se os outeiros...
Ai! e tu vás partir!

Partir quando este céu fulgia aos beijos
D'ignoto querubim!
Manhã do coração toldou-me o ocaso!
Nuvem negra por céu de madrugada,
Ou eça em seu festim!

E por que enviuvar das esperanças
A rebentar em flor?
Por que rasgar uma por uma as folhas
Da rosa da ventura embalsamada
Por um luar de amor!

Tu eras de meus sonhos de poeta
O beija-flor azul...
Eu te quisera, se te visse embora
Rotas as asas por noturno vento
Nos lodos do paul...

Eu te quisera inda a azular as pálpebras
A insônia dos festins.
Dera-te em cantos um dourado busto;
Do meu amor no seio dormirias
o sono dos querubins!

Eu era como o quebro ajoelhado
Ante o sol a nascer...
Madona amorenada de meus cultos,
Ergui-te unia ara e no calor dos joelhos
Não te dormi sequer!

E tu passaste adormentada e bela
Num berço de cristal;
Meu céu se iluminou por um momento,
Veio a realidade escura e fria,
Foi-se, foi-se o ideal!

Passou como um fantasma essa aventura
Criada em tanto afã.
E como o cactus que à noitinha abrira
Asa de ventania perfumada,
Morreu de antemanhã!

Morreu sem sol a pobre flor dourada
Dos sonhos meus e teus!
Morno ideal de tanta insônia ardente
Que uma noite dormira embalsamado
No infinito de Deus.

Eterno vacilar da morte à vida,
Sorte da criação!
Sempre o verme onde a seiva se derrama.
Onde a vida palpita e ri mais verde.
Sempre a destruição!

É uma lei... Mas a esperança resta
No feto do porvir...
Talvez bem cedo o dia se levante,
E a noite sacudindo o luar das tranças
Descanse e vá dormir.

Mas, tarde ou cedo que esse dia se erga
E volte a rir assim,
Durma meu nome no teu seio de fogo;
Não desfolhes os lírios da lembrança
Ai! lembra-te de mim!

A REDENÇÃO [72]

Ao Sr. Dr. Francisco Otaviano

I

E Deus disse ao espírito incriado:
Desce na asa do vento;
Por entranhas humanas - encarnado
Dormirás um momento.

Lá te espera nos limbos palpitantes
De dura escravidão - a humanidade,
Prega a essas nações agonizantes
O dogma da igualdade!

Leva a casta virtude foragida
Entre virentes palmas;
E vai mostrá-la à multidão perdida
Como o pudor das almas.

Vai, meu Cristo - a missão é escabrosa;
Só terás dessas turbas em carinhos
Uma cruz - uma vida dolorosa
E uma c'roa de espinhos.

E descera o espírito incriado
Sobre a asa do vento,
E em seio virgem de mulher - fechado
Foi dormir um momento.

II

Era o sonho dos profetas
Que se encarnara em Jesus;
Daquelas eras provetas
A cara e esperada luz.

Profeta, da liberdade,
Cireneu da humanidade.
Que vinha tomar-lhe a cruz!

A humanidade o esperava
Nos sonhos de redenção;
Ele vinha erguer a lava
De um velho morno vulcão.
Missão de ventura e graça
Que fecundava uma raça
De que ele era novo Adão!

Era o Íris da bonança
No meio dos temporais
A verbena da esperança
Entre desânimo e ais.
Um sol vigoroso e ufano
Rasgando ao gênero humano
Um horizonte de paz.

Não teve Moisés augusto
Mais auréola de luz
Nem um brado mais robusto
A voz do poeta Ilus
Tu foste - Belém proveta
- Berço de um maior profeta
Sacrificado na cruz!

Batera a hora na ampulheta eterna,
E esse fato de um Deus que se agitava
No seio da fecunda humanidade
Surgira à luz. A natureza toda
Estremeceu e se arraiou mais bela!
Mas linda a flor dos campos nessa noite
O seio abrira. - No seu leito o homem
Nessa noite sentiu mais puros sonhos
Por sua mente revoar... E as almas
Que esta terra de abrolhos - maculará
Sentirão todas - um chuveiro de ouro

Vazar nas trevas de enlodados limbos!
E depois - no horizonte azul-escuro
Clara estrela raiou - estranha aos homens
Reis, a pé! - Ide além a um berço humilde
Depor as c'roas... é um rei mais sábio
Que nasceu na humildade e na inocência!
Viajor - que vingas a colina alpestre
Às frias virações da meia-noite,
Pára! - Uma aurora súbito se entorna
Por este céu - e aquela estrela branca
Que vês correndo no horizonte oposto
É a coluna de fogo do deserto
Que outrora o povo de Israel guiara!
É o astro polar que a humanidade
Há de levar à prometida terra,
Para que ela marche na impulsão dos séculos.
Foi assim que o profeta dos profetas,
O circunciso, apresentou-se aos homens!
Nem Roma em seus delírios de triunfo
O nascimento lhe obstava... Aos ombros
Trazia a toga das virtudes castas;
E o ideal da igualdade sobre a fronte
Era a divina, grandiosa auréola
De que vinha cingir a humanidade!
Que deu a terra ao salvador dos povos?
Uma cruz... uma vida dolorosa,
Uma c'roa de espinhos!

III

Dormes, Jerusalém? Morno ossuário
Deitado à sombra de fatais lembranças
    Num leito secular,
Não sentes que no altar do teu calvário
O gérmen de verbenas e esperanças
    Começa a rebentar?

Essa lenda de pranto e de amargura,
Esse drama da cruz e do calvário
Escárnio e a aflição:
Esses delírios de uma treva escura,
Esse fel e vinagre e esse sudário:
Foi tudo a redenção!

A redenção... A turba delirante
Nem pressentiu essa missão divina
Do filho do Senhor...
E selou num delírio agonizante
Aquela fronte casta e peregrina
Com o sinete da dor!

Deu-lhe a palma e coroa de realeza,
Sentou-se sobre um marco de granito
E a zombar o saudou!
E o Cristo, essa divina singeleza,
Nem um olhar lançara, nem um grito
Arquejante soltou.

Ide, marchai sangrenta caravana!
Cireneu, vem agora e dá teu braço
Pra ajudar a cruz.
Cantai, cantai por essa orgia humana!
A terra treme e se enegreja o espaço,
E o sol desmaia a luz!

Essa cruz, esse poste de suplício,
Em que o cordeiro pálido imolaste
Nas raivas infernais,
Se erguerá como o sol do sacrifício;
Brotarão dos espinhos que entrançaste
Perpétuas festivais!

Dia mais belo vazará do oriente,
E a noite de verão mais vaporosa
Nos vales dormirá...
Nas asas de planeta onipotente

Uma luz mais suave e mais formosa
Aos povos descerá...

Sim! é fecundo o sangue do calvário!
Se o Cristo agonizou daquelas dores
Muita palma nasceu!
Daquela cruz e pálido sudário
Um éden de perfume e de flores
Teremos por troféu!

Assim fechou-se a redenção dos povos!
Do drama do calvário - a humanidade
Uma c’roa viril teve em herança
Mais bela do que as cívicas coroas
De Roma - a triunfante:
A c'roa da igualdade!

Esperai! se essa palma de triunfo
Começa ainda a rebentar do Gólgota,
Não estão longe os tempos - em que a fronte
Há de ovante cingi-la à humanidade!
Assim o passo derradeiro e firme
A Canaã da paz será transposto;
Assim a cruz triunfará eterna,
Assim se fecha a redenção dos povos!

S. HELENA [73]

Ao Sr. Remígio de Sena Pereira

Cairão Ajax e suas frotas!

HOMERO - *Odisséia*

Sobre a escarpada rocha - levantada
Na vaga - como um túmulo marinho,
Sob eterno luar,
César - desce como águia derrubada!
No seio agora desse estéril ninho
É força repousar!

Dorme, crânio viril, dorme um momento!
Tens ali um sepulcro de granito
Eça de Briareu!
Como caído sol - teu pensamento
Vague agora - no mar desse infinito
Em meio de água o céu!

As eras de ventura lá passaram
Como frotas no mar. Impetuoso
Soprara o furacão!
As mornas tradições é que ficaram,
Que aquele mesmo gênio belicoso
Não voltará mais, não!

Já não ressoam os clarins da guerra!
E os bravos desse Homero das batalhas
Descansam a dormir!
Essa cruzada que assombrara a terra
Sob as ruínas de pálidas muralhas
E a força cair!

Caiu! Assim o quis o destino infausto,
Que a estrela de seus largos horizontes

Nos limbos despenhou!
Caiu! mas em homérico holocausto!
Sol moribundo erguido em mar de frontes
Um dia descambou!

Dorme agora - na rocha levantada,
César, sobre esse túmulo marinho
É força repousar!
És agora como águia derrubada!
Resta-te um derradeiro e estéril ninho
E um eterno luar!

Foi esta, Bonaparte, a nênia augusta
Com que saudou-te a humanidade a queda!
Descaída a realeza das batalhas
Tinha como um apoio derradeiro
Um alpestre rochedo. Em torno o oceano
Era como que a firme - sentinela
De um oceano subjugado agora!
Folga, Albion! A espada onipotente
Desse rei dos combates e das tendas
Não vergaste, quebrou! A tua glória
Era preciso que ao condor hercúleo
Um vento bravo despenhasse as asas!

Agora, Bonaparte, eis-te sentado
Sobre a escarpada rocha
Que ao corcel dos combates sucedeu!
Essa fronte que o gênio das conquistas
Afogou num abismo das batalhas
Tem agora por troa derradeira
Uma nuvem de pálidas lembranças!
Tudo, tudo passou! os dias belos
Os dias de Marengo
De Arcole, de Montmirail e de Austerlitz,
Lá vão! passaram como as folhas secas
Sacudidas do vento das florestas!

Passaram! resta o sudário
Do pesado esquecimento!
Resta o pálido ossário
De todo um mundo portento.

As cruzadas peregrinas
Moderno César não vens?
Por palmas capitolinas
Capelas de goivos tens?

Como Lázaro, acordaste
A humanidade dormente;
Que um povo de reis, fecha
Sob a mão onipotente.

E tu, que no berço ungiste
A infante revolução,
E toda a submergiste
Em um mais puro Jordão;

Que herdaste? um bronco rochedo
Onde a vaga geme a medo
Ouvindo - Napoleão!

NUNCA MAIS [74]

Quand je t'aimais, pour toí j'aurais
donné ma vie
Mais c'est toi, de t'aimer, toi qui
m'ôtas l'envie.

ALFRED DE MUSSET

Nunca mais! O sol de outrora
Treva súbita apagou;
Já o fogo não devora
Onde a geada passou.

Esse passado morreu,
Que eu julgara então eterno,
E agora esqueci o inferno
Para lembrar-me do céu...

Não! dessa alma prostituta
Nem mais quero uma afeição!
Caíste - venci na luta,
Sem perder o coração.

Sangra os olhos no chorar,
Nova Agar - no teu deserto,
Que eu agora, audaz liberto,
Nem sei, nem te posso amar!

Caíste! não te detesto;
Não te cabe o ódio a ti.
Seria o pulsar de um resto
Desse afeto que eu perdi.

Sobre esse altar que te dei
Noutras eras peregrinas,
Como em leito de ruínas
Novo Mário - me assenti!

Ficou-me a alma viúva
De muita ilusão gentil;
Como exposta ao vento e à chuva
Flor que deu sobre de abril.

Mas a fria e curva flor
Já não treme assim pendida;
Ergue-a mais ardente vida
Por madrugada melhor!

Tu, caminha - vai jornada
Da vaidade e perdição;
E batiza a alma danada
Em lutulento Jordão.

Um dia sem luz nem voz
Vergarás no teu caminho
E verás, ave sem ninho,
Como punge espinho atroz.

A CH. F., FILHO DE UM PROSCRITO [75]

II est beau. Dans son front où la grâce rayonne,
II porte tout un monde embaumé, pur et gai.
La nature y étale une fraîche couronne;
C'est la molle beauté des blanches fleurs de mai.

Au matin de son jour il ouvre sa paupière,
Où se berce en dormant son délicat esprit,
Aux baisers de l'amour, aux regards de sa mère,
À tout ce qui lui parle et lui chante et lui rit.

Un charmant avenir l'attend, là-bas, peut-être,
Au couchant de ce siècle oú tout parle et combat,
Qui sait? Dans le moment où l'enfant vient de naître
L'oppression pâlit - l'ostracisme s'en va...

Eh bien! fils de proscrit - est un coeur plein de flammes
Qui te parle penché dans ton ciel adorant:
Tu seras un croisé dons le combat des âmes;
C'est moi qui le prédis - moi, tête de vingt ans!

OFÉLIA [76]

A J...

Meu destino é um rio do deserto
A murmurar-me aos pés;
Veia nascida em urna noite amarga,
As bordas são de areia, a onda é larga
E loucas as marés.

Tem as águas azuis, - mas são profundas
Naquele murmurar,
Correm aqui como a falar segredos
Sobre leito de lodo e de rochedos
A um ignoto mar!

Pálidas flores que uma vaga incerta
Ali suspensas traz
Vicejam aos borrifos, do meu pranto.
Oh! essas flores que te prendem tanto
Deixa-as, Ofélia, em paz!

Não te curves à borda dessas águas
De superfície anil,
Ébria de amores, - do teu sonho casto
Não acharás ali o mundo vasto
Nem o rosado abril.

Deixa essas flores; uma onda as leva
Onde? Nem mesmo eu sei!
Deixa-as correr, - festões de meu destino;
Passa cantando, meu amor, teu hino,
A que eu te abençoarei.

Atado à pedra que me leva, um dia
A queda suspendi.
Vi-te à margem das águas debruçada
A paixão dos meus sonhos, - tão sonhada
Vi-a, encontrei-a em ti.

Maga estrela pendente do horizonte
E curva sobre o mar
Vieste à noite conversar comigo;
Mas a aurora chegou - ao leito antigo
Vai, é mister voltar.

Deixa-me, não te curves sobre as flores
Deste leito de azul;
Molhastes os teus vestidos, foge embora!
Não te despenhes, - vem o mar agora
Encapelado ao sul.

Enxuga agora ao sol as tuas roupas
E deixa-me seguir;
Não sei qual a torrente que me espera;
Vai, não prendas a tua primavera,
Onde é fundo o porvir!

A ESTRELA DA TARDE [77]

A estrela da tarde sorri desmaiada
No azul embalada de um fogo vital:
Que luz vaporosa nos belos palores!
Que facho de amores! que flor de cristal!

Murmura nas praias a vaga indolente
Um véu transparente se estende no ar;
Os silfos se fecham no seio das rosas
E as brisas saudosas murmuram: - amar!

Estrela do ocaso, é a hora. Bem-vinda!
Que aurora tão linda, tão doce que tens!
A terra desmaia nos braços do gozo,
E um doce repouso lhe entorna mil bens!

Bem-vinda! aos amores que mágico ensejo!
Desperta o cortejo dos astros do céu.
Estrela das sombras, etéreo portento,
Nas asas do vento - desdobra o teu véu.

Vem, que eu te saúdo dormente do acaso;
Esplêndido vaso de um novo fulgor,
Às almas que o fogo da terra queimara
Tu és como a ara de crenças e amor.

Meu lábio secou-se no sol do deserto,
Nem fonte aí perto! cruenta aflição!
Passei tateando nas sombras da vida
Como ave caída nos lodos do chão!

A taça dourada do amor e ventura
Achei-a bem pura - mas não a bebi,
Do éden da vida rocei pelas portas:
As mãos eram mortas; ninguém veio ali,

Passei; fui sozinho no longo da estrada;
A noite pesada descia sem luz,
Segui tropeçando num frio sudário;
Agora um calvário, mais tarde uma cruz!

Estrela! cansado das lutas, vencido,
Dos sonhos descrido, ressurjo, aqui estou!
O manto da vida cai-me aos pedaços
Recose-me aos braços que o frio engelou.

São crenças que eu peço de um gozo celeste;
No tronco ao cipreste - rebentos de flor;
Aos prantos que choro mais rir de doçura,
Mais pão de ventura, mais sonhos de amor!

Estrela! - é a hora do gozo - desperta!
Uma alma deserta palpita de amar,
Vem, loura do ocaso, falar-me em segredo,
Não fujas, é cedo; não caias no mar.

A UM PROSCRITO [78]

É um canto de irmão. Crispam meus lábios
Entusiasmado, convulsões cruéis!
Toma esta lira; consagrei-a aos bravos;
Não na mancharam saturnais de escravos,
As opressões dos reis.

Uma idéia vital pulsa-lhe as cordas;
Elas palpitam na ovação de heróis!
Minha musa tem fé, arde-lhe inata;
A mão que antes selará insensata
Não beijará depois.

Má espera! essas nuvens de tormenta
Vai rasgar o clarão de um novo sol!
A hora bateu às velhas monarquias;
Da nova geração, dos novos dias,
Já se tinge o arrebol...

Os reis tiritarão entre os sudários
Quando essa aurora em novo céu fulgir;
A idéia pousará nos santuários;
E os povos se erguerão sobre os calvários
Aos cantos do porvir.

Eu te saúdo, espírito sem peias,
Que não gostaram cortesãos festins!
Proscrito errante que sustaste o pranto,
E sentiste e velaste o fogo santo
Que velaram Franklins.

Eu te saúdo, coração fervente,
No apostolado da missão do céu;
Que sentes no teu horto - atroz miséria!
Despedaçar-te artéria por artéria
O corvo de Prometeu!

Dez anos! Longe o lar de teus afetos!
Dez anos de cruenta proscrição!
O horizonte da pátria vai fechado;
A teus pés que infortúnio de exilado
Rebentam desse chão!

Longe! bem longe a opressão lançou-te...
Miséria, nem coragem de lutar!
Um dia despertaste enfim proscrito;
Como o viajor da lenda ergueu-te um grito:
- Caminhar! caminhar!

Foste vencido... era forçoso aos tronos!
Mas caindo, caíste vencedor,
Mais alto do que então inda te erguias;
Glória a ti nessas rudes agonias,
Vergonha ao opressor!

Glória a ti, cujos lábios não cuspiram
Da alma guardaste as roupas de vestal!
Vergonha ao opressor, corvo sedento,
Que rasga sem piedade de um lamento
A águia nacional!

Glória a ti, cujos lábios não cuspiram
Da liberdade no lustral Jordão
A água desse batismo é-nos sagrada;
Vergonha ao que na fronte batizada
Selou de proscrição!

SONHOS [79]

Oh! si elle m'eût aimé!

A. DE VIGNY

Se ela soubesse por que tremo às vezes
Como um junco nas bordas de um regato;
E àquele olhar de uma volúpia ardente
Fecho os meus pobres olhos de insensato.

Se ela soubesse por que a mão convulsa
Sinto ao pousar em um adeus a sua;
E por que um riso de amargura e tédio
Pousa-me no calor da face nua;

Quem sabe se piedosa, no silêncio,
Em oração, à noite, me alembrara;
E por mim em meu êxtase querido
Uma furtiva lágrima soltara!

Quem sabe, se amorosa, pensativa,
Amadornada em lânguidos desejos,
Viria compulsar-me o livro d'alma
E minha fronte batizar de beijos...

E saberia então que de soluços
Os lábios me entreabrem de paixão!
Que de prantos resvalam de meus olhos,
Com o orvalho de minha solidão!

Veria que este fogo de meus versos
É a febre de amor de meus suspiros,
Onde me vai a flor da mocidade
Como flor que enlanguece nos retiros.

Mas... são sonhos, meu Deus! estes tormentos
Irão comigo resvalar na cova;

E serão o crisol de meu espírito
Quando passar a uma existência nova.

Sonhos de insensatez! delírio apenas!
Cresceu em alta rocha a flor querida;
Verme rasteiro tateando os ermos
Não beberei naquele seio - a vida!

Passarei como sombra ante os seus olhos.
Frios, sem eco - soarão meus cantos;
E aqueles olhos que eu amei, calado
Não me hão de as cinzas orvalhar com prantos!

E nos silêncios de uma noite límpida
Sobre a campa que me há de enfim cobrir.
Da flor daqueles lábios - uma reza
Como um perfume não virá cair!

Devanear eterno! o amor de louco
Hei-de fechá-lo na mudez do peito...
Vem tu, apenas, lânguida saudade,
Noiva dos ermos - partilhar meu leito!

UM NOME [80]

No álbum da Exma. Sra. D. Luísa Amat

Dormi ébrio no seio do infinito
Ao fogo da ilusão que me consome;
A lira tateei na treva... embalde!
Nem uma palma coroou meu nome!

Os meus cantos morrerão no deserto,
Quebrou-me as notas um noturno vento,
E o nome que eu quisera erguer tão alto
No abismo há de cair do esquecimento.

Sou bem moço, e talvez uma esperança
Pudesse ainda me despir do lodo;
E ao sol ardente de um porvir de glórias
Engrandecer, purificar-me todo.

Talvez, mas esta sede era tamanha!
E agora o desespero entrou-me n'alma;
A brisa de verão queimou-me passando
A jovem rama da nascente palma!

E esse nome, esse nome que eu quisera
Erguer como um troféu, tornou-se em cruz;
Não cabe aqui, senhora, em vosso livro.
Pobre como é de glórias e de luz.

Mas se não tem as palmas que esperava.
Filho da sombra, em jogo de ilusões.
Vossa bondade, a unção das almas puras,
Há de dar-lhe a palavra dos perdões!

TRAVESSA [81]

Ai; por Deus, por vida minha
Como és travessa e louquinha!
Gosto de ti - gosto tanto
Dessa tua travessura
Que não me dera o meu encanto,
Que não dera o meu gostar,
Nem por estrelas do céu.
Nem por pérolas ao mar!
Alma toda de quimeras
Que acordou no paraíso
Vinda do leito de Deus;
E que rivais de teus olhos
Só tens dois olhos - os teus!
Pareces mesmo criança
Que só vive e se alimenta
De luz, amor e esperança.
Ave sem medo à tormenta
Que salta e palpita e ri,
As travessas primaveras
Assentam tão bem em ti!
Assentam sim, como as asas
Assentam no beija-flor,
Como o delírio dos beijos

Em uma noite de amor;
Como no véu que se agita
De beleza adormecida
A brisa mole e sentida!

Foi por ver-te assim - travessa
Que eu pus a minha esperança
No imaginar de criança
Dessa formosa cabeça...
Foi por ver-te assim - Que os sonhos
Eu sei como os tens eu sei.
Puros, lindos e risonhos.

Um coração novo e calmo
Onde a lei do amor - é lei;
Foi por ver-te assim, que eu venho
Pôr em ti as fantasias
De meus peregrinos dias.
Como a esperança no céu:
Em ti só, que és tão louquinha,
Em ti só pôr a minha vida!

A D. GABRIELA DA CUNHA [82]

Pára! Colhe essas asas um instante;
Olha que senda decorrendo vens!
Pára! é o marco final do caminhante,
E mais espaços a vencer não tens!

Lembra as visões e os sonhos do passado...
Vão longe, longe - quando, artista em flor.
Nem tinhas o caminho calculado,
Que mais tarde devias de transpor.

Contaste acaso em tua mente outrora
Tantas coroas futuras e troféus?
Sonhaste uma vez erguer-te agora
Alto, tão alto, pela mão de Deus?

Não pudeste medir todo este espaço,
Nem pudeste pensar que um dia, aqui
Viria o povo, em um festivo abraço
Sagrar-te os louros triunfais, a TI.

Foi surpresa do gênio - e do destino
Que a tua senda de futuro abriu,
E que uma folha de laurel divino
Em tua fronte pálida cingiu.

Talvez de artista no teu largo manto,
Como gotas de sangue em níveo chão.
Noite de espinhos orvalhou com pranto
E mareou de dor muita ovação.

Faz uma flor de cada espinho acerbo,
Tira de cada treva um arrebol;
Para fazê-la - abre os teus lábios, VERBO!
Para tirá-la - abre os seus raios, SOL!

MEUS VERSOS [83]

Quando nas noites de luar de outono
Pendem as flores que a manhã crestara
E a chuva desbotou,
Que mão piedosa ergueu-as do abandono...
E cuidadosa no seio as orvalhara?
Que sorrindo as beijou?

Elas morrem ali tristes, sozinhas,
E se desfolham no correr do rio...
Deus sabe onde elas vão!
Assim morrem ao sol as andorinhas,
Assim o inseto se desmaia ao frio,
E assim meus versos são!

Pobres canções que eu entoara a custo,
E modulei nas harpas dos amores
Que ornara um querubim.
Foram as vibrações de um sonho augusto;
Da minha fronte as suspiradas flores
Não mas dera o jardim.

E contudo eu ainda as esperava,
Como à porta do Céu a mãe cuidosa
Um filho que há de vir.
E o jardim não mas dera; eu mal cuidava
Que vinha no embrião da flor mimosa
Um áspide dormir.

Acordei! Esqueci-me dessas flores
E vou cantando sem sonhar venturas
Já sem ilusão.
Deixo aqui minha lenda dos amores
Urna singela de esperanças puras,
E muita aspiração.

A MME. DE LA GRANGE [84]

Quando em teus lábios a harmonia corre,
Como os verbos das almas e do amor,
Um mundo de douradas fantasias
Ao coração dormente se abre em flor.

Solto dos elos da matéria - o espírito
Num céu que de harmonia se perfuma
Adormece nas harpas do teu peito
E as tuas notas bebe urna por uma.

Missão divina! Traduzir na terra
As linguagens do céu! Vibrar cantando
Do sentimento as palpitantes fibras!
E o pranto às almas rebentar chorando!

Talhou-te larga a púrpura do gênio
A mão severa e pura dos destinos,
Imprimiu-te na voz a harpa de um século
E a alma te encarnou em sons divinos!

Depois - na ara da pura melodia
Desceste em uma noite embalsamada;
Segue na rota da missão divina,
Canta, murmura, lânguida, inspirada!

Abre os vôos, parte agora!
Vai, cantora, ao teu destino:
Destas últimas vitórias
Vês? As glórias aqui pus.
Cinge a c’roa e torna arminhos
Os espinhos que colheste;
Que os teus hinos são melhores;
Fazem flores de uma cruz!

SOUVENIRS D'EXIL [85]

(tradução de poema de
CHARLES RIBEYROLLES)

Flor a abrir entre nós, surge agora um infante;
Fronte loura a sorrir em nossa proscrição,
Os numes vêm cercá-lo em seu berço galante,
E para erguê-lo ao céu todos lhe abrem a mão.

Mas ele que será? Calvinista ou romano?
Ou turco, ou querubim de Lutero, ou judeu?
E que santo do céu a este lírio humano,
Ao costume fiel, dará o nome seu?

É o beijo das mães, entre nós... o batismo,
Esse amoroso olhar que nos embala então!
Nós não temos por dogma a fé do barbarismo
E nem numes fatais de sangue e de opressão.

Batizamo-lo em ti, ó liberdade santa,
Alma dos bravos desce - eis um berço infantil.
O teu signo de luz, tua altivez lhe implanta,
Os velhos bendirão a tua mão viril!

Espírito de luz - eia, marchar - avante!
Nossos ossos em pó reflorirão por dom!
Mas conservai a fé, e o futuro radiante,
Lutar é um dever - lembra-te, Charles Frond!

A S. M. I. [86]

César! Fulge mais luz nas saudações do povo,
Há nos hinos plebeus - mais alma nacional
Quando a mão do Senhor ergue, dum germe novo,
A virtude e o saber em fronte imperial.

Aqui, se o vê curvado ao sol da majestade,
Não é que o ceguem mais os velhos ouropéis;
É que fulge a realeza em céu de liberdade
E abraça a liberdade - a tradição dos reis.

Tu, que voltas do mar aos cânticos do Norte,
Tu que vens embalado aos hinos do país,
Podes e deves crer no público transporte
Como dias de luz que o povo te prediz;

A ti, que tens por norma a história do passado,
Como através do tempo - a inspiração de Deus,
E que sabes de fé que um Cáucaso elevado
Nem sempre é neste mundo o fim dos Prometeus.

Bem-vindo! Diz-te o povo e a frase poderosa
É como que fervente e tríplice ovação.
Ouve-a tu, que possuis um anjo por esposa,
Por mãe a liberdade e um povo por irmão!

AO CARNAVAL DE 1860 [87]

Morreste, seriedade!
Momo, o deus das zombarias,
Usurpou-te, por três dias,
Teu esplêndido bastão!
De um exílio temporário
Toma a longa e nova rota;
Agora reina a chacota
E o carnaval folgazão!

Diante das aras da rubra folia,
Cabeça a mais séria não vale um real;
Doidice, festança e alegria,
Tudo isto é fortuna que traz - carnaval.

Homem sério e bem formado,
Neste dia é contrabando;
Respeitado e venerando
É coisa que não se diz;
A razão abrindo os lábios,
Onde tem berço o juízo,
Vestiu um chapéu de guizo,
E pôs um falso nariz!

Nem pai de família, nem velho empregado,
Doutor, diplomata, caixeiro ou patrão,
Ninguém, ó loucura, no dia aprazado,
Não pode negar-te seu grande quinhão.

Tudo a loucura nivela,
Nem há luta de inimigos:
Esqueçam-se ódios antigos
De algum ferrenho eleitor;
Há tréguas por três dias
No campo dos candidatos,
Que o feijão ferve nos pratos
E os guizos falem melhor.

Esqueça-se tudo, são todos convivas,
Os ódios se apaguem no abraço comum:
Que doce batalha! Que lutas festivas!
Daqui deste campo não foge nem um!

Todas as belas amáveis
Podem ter parte na festa:
Sacerdotisas e Vesta,
Acendei os corações!
Pra sustentar a empresa
Não tendes armas faceiras?
É não tirar as pulseiras
E conservar os balões.

Daí das janelas olhando curvadas.
Sem dar um só passo na luta venceis:
Ao fogo, que corre das vossas sacadas
Aquiles se curvam e algemam-se reis.

Os reis, conquanto pintados,
Sempre são reis por três dias;
E sabem as galhardias
Das vossas armas leais.
Nós somos a Roma Inerte
Com a invasão peregrina
Que os hunos de crinolina
São mais que os outros fatais.

NO ÁLBUM DA ARTISTA LUDOVINA MOUTINHO [88]

Cedo começas a buscar no espaço,
Gentil romeira, a estrela do porvir;
Deus que abençoa as lutas do talento
Há-de ao esforço teu o espaço abrir.

Para alcançar o astro peregrino
O teu talento um largo rumo tem:
De tua mãe os vôos acompanha,
Que onde ela foi tu chegarás também.

GABRIELA DA CUNHA [89]

Enfim! Sobre esta cena, a tua e nossa glória,
Onde a musa eloqüente e severa da história
Toma-te a mão, e te abre à fascinada vista
O campo do futuro, ó grande e nobre artista,
Vejo-te enfim! Ermo, calado e nu,
Esperava a madona e a madona eras tu.
Mercê do mar sereno e do lenho veloz,
A mesma, a mesma sempre, eis-te enfim entre nós!
Eras daqui. Que importa uma ausência? O teu nome
A ausência não descora, o ouvido não consome,
Da lembrança e da luz que ficaram de ti,
Andasses longe, embora, ele vivia aqui.
O que é o mar? Barreira inútil. A lembrança
Tem asas e a transpõe. E depois a esperança
De ver no mesmo céu a mesma estrela dantes
Punha no ânimo a paz. Aos louros verdejantes
De que ornavas a fronte outros inda juntaste.
Bem-vinda sejas tu, tu que por fim voltaste
No brilho e no vigor dos teus dias melhores
Luzente de mais luz, c’roada de mais flores
E que vens, assentando outras datas gloriosas,
Dar ao palco viúvo a melhor das esposas.

ESTÂNCIAS NUPCIAIS [90]

dedicadas a D. Isabel e
ao Conde d'Eu

I

Que riso este o ar encerra?
Que canto? Que troféu?
Que diz o céu à terra?
Que diz a terra ao céu?

II

Do seio das florestas
Que aroma sobe ao ar?
E que oblações são estas
Que a terra envia ao mar?

III

A peregrina Alteza,
A rosa matinal,
O sonho de pureza
Da mente imperial.

IV

É noiva. A mão de esposa
Ao feliz noivo dá;
Era de amor ditosa
Esta hora lhe abrirá.

V

Almas de luz unidas
Na pura candidez
O amor, - de duas vidas
Uma só vida fez.

VI

E a filha predileta
Do paternal amor,
A doce, excelsa neta
Do excelso Fundador,

VII

Aumenta a nossa glória
No sólio imperial,
E a fúlgida memória
Da honra nacional.

EM HOMENAGEM A D. ISABEL
E AO CONDE D'EU [91]

Do seio da espessura,
Ó virgem do Brasil,
Ergue radiante e pura
A fronte juvenil.

Tece com as mãos formosas
À noiva imperial
De lírios e de rosas
A c'roa nupcial.

Flor desta jovem terra,
Em seu profundo amor,
Como um penhor encerra
Cândida, excelsa flor.

Vivo, fulgente emblema
Das glórias do porvir,
Que o régio diadema
Um dia hás de cingir;

Salve! Os destinos novos,
Novos, futuros bens,
Querida destes povos,
Em tuas mãos os tens.

Num juramento unidas
Ante o sagrado altar,
As almas, como as vidas,
O céu veio aliar.

É vínculo precioso
Que o prende agora a si.
Esposa, eis teu esposo;
Alegra-te e sorri.

Abram-se à nova história
As páginas leais,
Onde se escreve a glória
Da pátria e dos teus pais,

E a mão que não consome
Memórias tão louçãs,
De dois fez um só nome:
Bragança e Orleans.

NO CASAMENTO DA PRINCESA ISABEL [92]

Cubram embora as últimas montanhas
    Nuvens de tempestade;
E vergue um dia os ânimos do povo
    Dura calamidade;

Cobre de há muito o teu domínio estreito;
Tu mesmo abriste as portas do Oriente;
Rompe a luz; foge ao dia! O Deus dos justos
Os soluços ouviu dos teus escravos,
E os olhos te cegou para perder-te!

O povo um dia cobrirá de flores,
A imagem do Brasil. A liberdade
Unirá como um elo estes dois povos.
A mão, que a audácia castigou de ingratos,
Apertará somente a mão de amigos.
E a túnica farpada do tirano,
Que inda os quebrados ânimos assusta,
Será, aos olhos da nação remida,
A severa lição de extintos tempos!

CALA-TE, AMOR DE MÃE [93]

Cala-te, amor de mãe! Quando o inimigo
Pisa da nossa terra o chão sagrado.
Amor de pátria, vivido, elevado,
Só tu na solidão serás comigo!

O dever é maior do que o perigo;
Pede-te a pátria, cidadão honrado;
Vai, meu filho, e nas lides do soldado
Minha lembrança viverá contigo!

É o sétimo, o último. Minh'alma repartida,
Vai toda aí, convosco repartida,
E eu dou-a de olhos secos, fria e calma.

Oh! não te assuste o horror da márcia lida;
Colhe no vasto campo a melhor palma;
Ou morte honrada ou gloriosa vida.

TRISTEZA [94]

Ah! Pobre criança!
Triste ludíbrio de funesta estrela!

SHAKESPEARE - Otelo

És triste. Que mal te oprime?
Que sombrio pensamento,
Como nuvem procelosa,
Ponto negro no horizonte,
Vem pousar, mulher formosa,
Em tua formosa fronte?

És triste. E pálida. As cores,
De vivas que eram outrora,
Como pétalas das flores
Que o tempo amareleceu,
Ora vejo-as apagadas...
E ao teu olhar peregrino
Fecham pálpebras cansadas
À luz que tinhas do céu,

A ausência de brilho e cores
E essa mórbida magreza,
Esse teu ar de abatida,
Com que, se perdes em vida,
Vens a ganhar em beleza,
Que são? Remorso de um crime
De certo não é? Responde,
Dize, que mágoa te oprime?

Teu silêncio obstinado
Tudo me explica.., já sei..
Mísero anjo infortunado,
Li tu’alma e adivinhei

Guardavas ao que primeiro
Tocasse a flor dos teus anos,
Não esse amor passageiro,
Das almas vãs, mas o amor
Profundo, intenso, exclusivo,
O amor que sonha e não dorme,
O amor sincero, o amor vivo,
Os transportes, a ternura,
De um coração palpitante,
Os desejos de ventura,
Ambiciosa fantasia,
As ânsias d'alma abundante,
Em suma - a felicidade:
Tal foi o sonho primeiro
Da tua primeira idade.

Em vez de uma alma irmã
Que a tua alma compreendesse,
Que achaste? Boçal figura,
Matéria, máquina, prosa,
Toda cegueira e espessura,
Corpo sem alma e sem vida,
E a esperança radiosa
Da vida que procuravas,
A ternura que guardavas,
Em teus chorados quinze anos.
Tudo arrefeceu, criança,
Ante os frios desenganos.
Entre a presente agonia
E o tempo em que, solta, aérea,
Tua ardente fantasia
A vida mágica e etérea

Evocava e embelecia,
Que tempo vai! Longo espaço
De solidão, de tristeza,
De ternura e de cansaço.
Uma quase eternidade
A contar na mente acesa:

Esperanças da incerteza,
Certezas da realidade!

Enfim, à morte completa
Da ilusão que alimentavas,
Olhaste pálida e inquieta
Para o futuro... e não viste
Nada do que procuravas
E nada do que pediste,
Olhaste ainda - e confusa
Viste o amor, a paz alheia,
Os que logravam sentir,
E tu, mísera reclusa,
Da prisão em que te achaste
Nem já te é dado fugir!

E agora, fria, abatida,
Secas as rosas do rosto,
Olhos já sem luz, nem vida,
Depois de tanta provança,
Tua mente em vão procura
A derradeira esperança:
O frio da sepultura...

O PRIMEIRO BEIJO [95]

(G. BLEST GANA)

Lembranças daquela idade
De inocência e de candor,
Não turbeis a soledade
Das minhas noites de dor;
Passai, passai,
Lembranças do que lá vai.

Minha prima era bonita...
Eu não sei por que razão
Ao recordá-la, palpita
Com violência o coração.
Pois se ela era tão bonita,
Tão gentil, tão sedutora,
Que agora mesmo, inda agora,
Uma como que ilusão
Dentro em meu peito se agita,
E até a fria razão
Me diz que era bem bonita.

Como eu, a prima contava
Quatorze anos, me parece;
Mas minha tia afirmava
Que eram só, - nem tal me esquece!
Treze os que a prima contava.
Fique-lhe à tia essa glória,
Que em minha vivaz memória
Jamais a prima envelhece,
E sempre está como estava,
Quando, segundo parece,
Já seus quatorze anos contava.

Quantas horas, quantas horas
Passei ditoso ao seu lado!
Quantas passamos auroras

Ambos correndo no prado,
Ligeiros como essas horas!
Seria amor? Não seria;
Nada sei; nada sabia;
Mas nesse extinto passado,
De conversas sedutoras,
Quando me achava a seu lado
Adormeciam-me as horas.

De como lhe eu dei um beijo
É curiosíssima história.
Desde esse ditoso ensejo
Inda conservo a memória
De como lhe eu dei um beijo.
Sós, ao bosque, um dia, qual
Aquele antigo casal
Cuja inocência é notória,
Fomos por mútuo desejo,
A ali começou a história
De como lhe eu dei um beijo.

Crescia formosa flor
Perto de uma ribanceira;
Contemplando-a com amor,
Diz ela desta maneira;
- Quem me dera aquela flor!
De um salto à flor me atirei;
Faltou-me o chão; resvalei.
Grita, atira-se ligeira
Levada pelo terror,
Chega ao pé da ribanceira...
E eu, eu não lhe trouxe a flor.

De ventura e de alegria
A coitadinha chorava;
Vida minha! repetia,
E em meus braços me apertava
Com infantil alegria.
De gelo e fogo me achei

Naquele transe. E não sei
Como aquilo se passava,
Mas um beijo nos unia,
E a coitadinha chorava
De ventura e de alegria.

Depois,.. revoltoso mar
É nossa pobre existência!
Fui obrigado a deixar
Aquela flor de inocência
Sozinha à beira do mar.
Ai! do mundo entre os enganos
Hei vivido muitos anos,
E apesar dessa experiência
Costumo ainda exclamar:
Ditada minha existência,
Ficaste à beira do mar!

Lembranças daquela idade
De inocência e de candor,
Alegrai a soledade
Das minhas noites de dor.
Chegai, chegai,
Lembranças do que lá vai.

A. F. X. DE NOVAIS [96]

Já da terrena túnica despida,
Voaste, alma gentil, à eternidade;
E, sacudindo à terra
As lembranças da vida, as mágoas fundas,
Foste ao sol repousar da etérea estância.

Nem lágrimas, nem preces
O despojo mortal do sono acordam;
Nem, reboando na mansão divina,
A voz do homem perturba
O espírito imortal. Ah! se pudessem
Lágrimas de homens reviver a extinta
Murcha flor de teus dias: - se, rompendo
O misterioso invólucro da morte,
De novo entrasses no festim da vida,
Alma do céu, quem sabe se não deras
A taça cheia em troco do sepulcro,
E agitando no espaço as asas brancas
Voltarias sorrindo à eternidade?

Não te choramos pois; descansa ao menos
No regaço da morte: a austera virgem
Ama os que mais sofreram; tu compraste
C'o a dor profunda o derradeiro sono.
Choram-te as musas, sim! choram-te as musas
Choram-te em vão, - que das quebradas cordas
Da tua lira os sons não mais despertam;
Nem dos festivos lábios
Os versos brotaram que outrora o povo
No entusiasmo férvido aplaudia.
Apenas (e isso é tudo!)
Fulge c'oa luz da glória
Teu nome. Os versos teus, garridas flores
De imortal primavera, enquanto o vento
Inúteis folhas pela terra espalha,
Celeste aroma à eternidade mandam.

Tu viverás. Não morre
Aquele em cujo espírito escolhido
A mão de DEUS lançou a flama do estro
Traz do berço o destino. Em vão, fortuna,
Lhe comprimes a voz, a voz prorrompe.
Tal o rochedo inútil
Ousa deter as águas;
A corrente prossegue impetuosa.
O campo alaga e a terra mãe fecunda.

ONTEM, HOJE, AMANHÃ [97]

Ontem eu era criança
Que brincava nos delírios,
Entre murta, rosa e lírios,
No meio d'etéreos círios,
Nos brincos que a gente alcança;
Que sonho p'ra mim, que vida
Nas ânsias tão bem traída!
Que noites de tanta lida,
Nos gozos em que não cansa!
Hoje sou qual triste bardo
Cismando na virgem bela,
Nos meigos sorrisos dela;
Que, porém, já se desvela
Do futuro vir mui tardo!
- Pranteio na pobre lira,
Qual nauta que já suspira
Nas ânsias em que delira,
Nas chamas em qu'eu só ardo!

Amanhã serei no mundo
Perseguido em meu cansaço,
Sem já ter amigo braço
Que me ajude a dar um passo
Neste pego sem ter fundo;
Nem sequer a minh'amada
Se julgando mal fadada
Não virá mui namorada
Me mostrar um rir jucundo!

26 DE OUTUBRO [98]

Ventos do mar, que há pouco sussurrando
As vozes dele ouvíeis namorados,
Ventos de terra, agora consternados,
Levai a nova do óbito nefando.

Castigo foi à nossa pátria, quando
Dele esperava alentos renovados,
E sentia viver aos grandes brados
Daquele gênio raro e venerando.

Claro e vibrante espírito, caíste,
Não ao peso dos anos, mas ao peso
Do teu amor à nossa pátria amada.

E ela que fica desvairada e triste,
Chora lembrando o verbo teu aceso,
Filho de Andrada, e portentoso Andrada.

AS NÁUFRAGAS [99]

(Duas meninas cearenses que
vinham no vapor *Bahia*.)

“Verdes mares bravios, verdes mares
Do Ceará” - que a musa de Iracema
Cantou um dia, e que na hora extrema
Certo entreviu nos últimos olhares,

Ó verdes mares, onde essas crianças
Aprenderam brincando a andar ao largo,
Rir do vosso estertor válido e amargo,
E as águas bravas converter em mansas,

Cantai agora, murmurai contentes
De saber que ambas, débeis e valentes,
Viram a morte e não tremeram dela,

Antes, cortando as ondas insofridas,
Salvaram, mais que as suas próprias vidas,
Outra que nunca pôde ser mais bela.

AO DR. XAVIER DA SILVEIRA [100]

Amigo, ao ler os versos saborosos
Que me mandou por vinte e um de junho,
Vi ainda uma vez o testemunho,
Dos seus bons sentimentos amistosos.

Há para os corações afetuosos
(Isto, que escrevo por meu próprio punho,
Não é força de rima, leva o cunho
Dos conceitos reais e valiosos),

Há para os corações, como eu dizia,
- Um perigo, a distância: - tal perigo
- Que as mais ardentes afeições esfria.

Inda bem que esse mal, por mais antigo
Que seja, não atinge, neste dia
Um verdadeiro coração de amigo.

13 DE MAIO [101]

Brasileiros, pesai a longa vida
Da nossa pátria, e a curta vida nossa;
Se há dor que possa remorder, que possa
Odiar uma campanha, ora vencida,
Longe essa dor e os ódios seus extremos;
Vede que aquele doloroso orvalho
De sangue nesta guerra não vertemos...
União, brasileiros! E entoemos
    O hino do trabalho.

SONETO [102]

(Pela inauguração do Asilo de
Órfãos de Campinas)

Recolhei, recolhei essas coitadas,
Tristes crianças, desbotadas flores,
Que a morte despojou dos seus cultores
E pendem já das hastes maltratadas.

Trocai, trocai as fomes e os horrores,
Os desprezos e as ríspidas noitadas
Pelos afagos dos peitos protetores,
Ensinai-lhes a amar e a ser amadas.

E quando a obra que encetais agora
Avultar, prosperar, subir ao cume,
Tornada em sol esta ridente aurora,

Sentireis ao calor do grande lume
Tanta ventura, que, se fordes tristes,
Jubilareis da obra que cumpristes.

RICARDO [103]

Vive tu, meu menino, os belos anos
Junto dos teus, na doce companhia
Do que há de melhor em corações humanos,
E faze deste dia eterno dia.

VELHO TEMA [104]

Esta ave trouxe de alguém
Algum recado
Talvez diga que aí vem
Um namorado.
Um namorado que tem
Do peito ao lado
Um coração que o sustém
De apaixonado.

Se não acudir alguém
Ao ansiado
É, porventura, um grã bem...
Por um recado
Já vi morrer aquém e além,
Por um recado...

POR ORA SOU PEQUENINA [105]

Por ora sou pequenina
Mas, quando eu também crescer
Há de vir uma menina
Dizer o que vou dizer.

Vou dizer, noivos amados,
Que é doce e consolador
Ver assim dois namorados
Coroando o seu amor.

Casar é lei preciosa;
Casai, amigos, casai.
Beija-flor com rosa
Mamãe casou com papai,

Por isso, a viva alegria
Que enche a todos nós
É ser grande dia
Muito maior para vós.

Eis aí fica o meu recado
Adeus. Se for para bem
Que eu veja o casal casado
Crescendo, caso também.

CÉSAR! FULGE MAIS LUZ [106]

César! Fulge mais luz nas saudades do povo.
Há nos hinos plebeus - mais alma nacional,
Quando a mão do Senhor ergue dum germe novo
A virtude e o saber em fronte imperial.

Aqui; se o vês curvado ao sol da majestade,
Não é que o ceguem mais os velhos europeis;
É que fulge a realeza em céu de liberdade,
E abraça a liberdade - a tradição dos réis.

Tu, que voltas do mar aos cânticos do Norte,
Tu, que vens embalado aos hinos do país,
Podes e deves crer no público transporte,
Como dias de luz que o povo te prediz;

A ti, que tens por norma a história do passado,
Como através do tempo - a inspiração de Deus!
E que sabes de fé que um Cáucaso elevado
Nem sempre é neste mundo o fim dos Prometeus.

Bem-vindo! diz-te o povo, e a frase poderosa
É como que fervente e tríplice ovação;
Ouve-a tu, que possuis um anjo por esposa,
Por mãe a liberdade e um povo por irmão!

1930

NÃO HÁ PENSAMENTO RARO [107]

Não há pensamento raro
Que aqui lhe diga
Melhor que o seu nome caro,
Gentil amiga.

VIVA O DIA 11 DE JUNHO [108]

Viva o dia onze de junho,
Dia grande, dia rico,
Batalha do Riachuelo,
Dia dos anos do Tico.

VOULEZ-VOUS DU FRANÇAIS? [109]

Voulez-vous du français, ou bien de notre langue?
Uma e outra lhe dou, Francisca, e não se zangue
Car pour dire d'un beau visage et son esprit,
Um nome basta - o seu - *ce nom tout seu! suffit!*

---

[56] *Marmota Fluminense*, 22 mar. 1856.

[57] *Marmota Fluminense*, 01 mai. 1855.

[58] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1856.

[59] *Marmota Fluminense*, 15 set. 1857.

[60] *Marmota Fluminense*, 02 out. 1857.

[61] *Marmota Fluminense*, 22 out. 1857.

[62] *Marmota Fluminense*, 22 dez. 1857.

[63] *Marmota Fluminense*, 25 dez.. 1857.

[64] *Marmota Fluminense*, 16 fev. 1858.

[65] *O Paraíba*, Petrópolis, 11 abr. 1858.

[66] *Correio Mercantil*, 25 out. 1858.

[67] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1858.

[68] *Correio Mercantil*, 30 nov. 1858.

[69] *Correio Mercantil*, 10 fev. 1859.

[70] *O Paraíba*, Petrópolis, 17 fev. 1859.

[71] *Correio Mercantil*, 14 fev. 1859.

[72] *Correio Mercantil*, 04 mai. 1859.

[73] *O Paraíba*, Petrópolis, 22 mai. 1859.

[74] *O Paraíba*, Petrópolis, 12 jun. 1859.

[75] *Correio Mercantil*, 21 jul. 1859.

[76] *Correio Mercantil*, 21 out. 1859.

[77] *O Espelho*, 04 set. 1859.

[78] *O Espelho*, 18 set. 1859.

[79] *O Espelho*, 23 out. 1859.

[80] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1859.

[81] *O Espelho*, 18 dez. 1859.

[82] *O Espelho*, 25 dez. 1859.

[83] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1859.

[84] *Correio Mercantil*, 16 nov. 1859.

[85] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1859.

[86] *Marmota Fluminense*, 02 dez. 1855.

[87] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1860.

[88] *A Primavera*, 17 mar. 1861.

[89] *O Espelho*, 25 dez. 1859.

[90] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1864.

[91] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1864.

[92] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1865.

[93] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1865.

[94] *Jornal das Famílias*, ago. 1866.

[95] *Semana Ilustrada*, 19 set. 1869.

[96] *Semana Ilustrada*, 29 ago. 1869.

[97] *A Luz*, 1872.

[98] *Gazeta de Notícias*, 24 out. 1886.

[99] *Gazeta de Notícias*, 17 abr. 1887.

[100] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema,1887.

[101] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema,1888.

[102] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema,1890.

[103] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1893.

[104] Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1911.

[105] Publicado no artigo "Migalhas inéditas", de Tristão de Athayde, em *Autores e Livros*, 28 set. 1941.

[106] *Gazeta de Notícias*, 08 set. 1888. Na *Bibliografia de Machado de Assis*, de Galante de Sousa, este poema traz o título de "César! Fulge mais luz nas saudações do povo".

[107] *Ilustração Brasileira*, jun. 1939.

[108] *Jornal do Comércio*, jun. 1939.

[109] *Jornal do Comércio*, 21 jun. 1939.

Freeditorial